

Organizadores

RAFAEL SOARES GONÇALVES

ANTÔNIO CARLOS FIRMINO

LEANDRO DE CASTRO BENÍCIO

MAYRA PESSÔA

Rocinha

UM
PERCURSO
HISTÓRICO
POR IMAGENS

INTER
SE
ÇÕES

EDITORA
PUC
RIO

25
ANOS

Rocinha

Organizadores

RAFAEL SOARES GONÇALVES

ANTÔNIO CARLOS FIRMINO

LEANDRO DE CASTRO BENÍCIO

MAYRA PESSÔA

UM
PERCURSO
HISTÓRICO
POR IMAGENS

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Reitor

Pe. Anderson Antonio Pedroso, S.J.

©Editora PUC-Rio

Rua Marquês de São Vicente, 225,
7º andar do prédio Kennedy
Campus Gávea/PUC-Rio
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 22451-900
Tel.: +55 21 3736 1838
edpucrio@puc-rio.br
www.editora.puc-rio.br

Conselho Editorial

Alexandre Montauray, Felipe Gomberg, Gabriel Chalita, Gisele Cittadino,
Pe. Ricardo Torri de Araújo, S.J., Rosiska Darcy de Oliveira e Welles Morgado.

Diretor Editorial

Felipe Gomberg

Editoras

Livia Salles
Tatiana Helich

©Selo InterSeções, Editora PUC-Rio

Em parceria com o Departamento de Serviço Social

Edição: Tatiana Helich

Projeto gráfico de capa e miolo: Flávia da Matta Design

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada por qualquer forma e/ou em quaisquer meios sem permissão escrita da Editora PUC-Rio.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Rocinha [recurso eletrônico]: um percurso histórico por imagens / organizadores: Rafael Soares Gonçalves... [et al.]. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: FAPERJ, 2025.
1 recurso eletrônico (94 p.): il. (algumas color.).

Obra publicada através do Selo Interseções da Ed. PUC-Rio, em parceria com o Departamento de Serviço Social/PUC-Rio.

Descrição baseada na consulta ao recurso eletrônico em 27 de jun. de 2025.

Inclui bibliografia.

Exigências do sistema: conexão com a Internet, World Wide

Web browser e Adobe Acrobat Reader.

Disponível em: <https://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1373&sid=3>

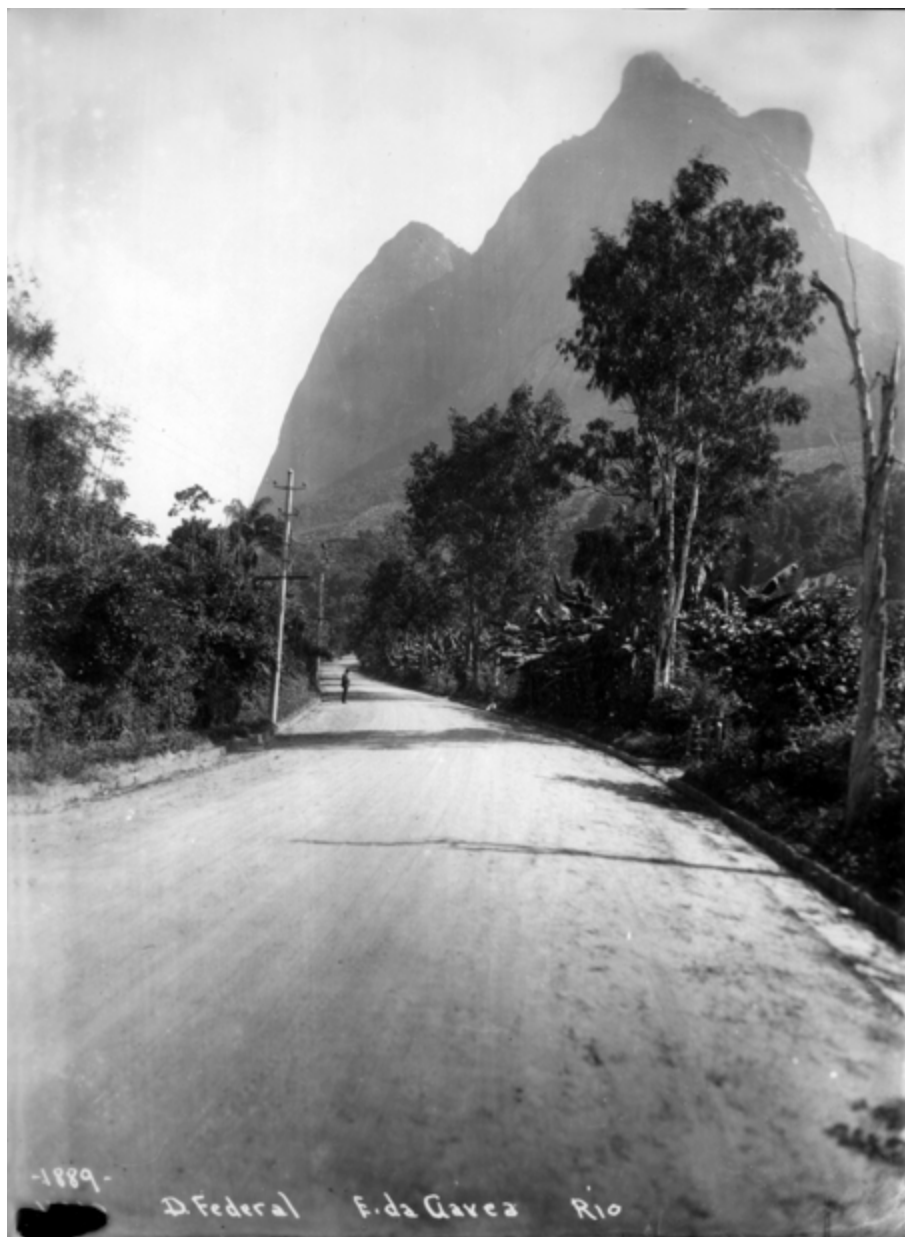
ISBN (e-book): 978-85-8006-352-3

1. Rocinha (Rio de Janeiro, RJ) – História – Obras ilustradas. 2. Favelas – Rio de Janeiro (RJ) – História – Obras ilustradas. I. Gonçalves, Rafael Soares.

CDD: 981.53

Sumário

07	Introdução
13	Rocinha no passado
21	Saneamento
27	Mutirão
39	Serviços
53	Cotidiano
65	Lugares
71	Túnel/passarela
75	Rocinha ontem e hoje
83	Organizadores
85	Entrevistados
87	Referências



Estrada da Gávea, 1889.

Introdução

No século XIX, a região da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Gávea foi lugar de luta por direito a liberdade, educação e moradia aos menos abastados. Um dos casos interessantes foi a construção de uma das escolas do Imperador, no bairro da Gávea. Essa escola tem uma história interessante, que vem antes de o Imperador encampar a ideia da escola no local. Situada na Rua Marquês de São Vicente, ela tem sua origem no esforço de uma pessoa que fora escravizada, chamada Zózimo, conhecido também como “Zé Índio”. Criado da família Pereira da Silva, proprietária de uma fazenda no bairro da Gávea, ele sabia ler e escrever e fundou, em 1861, uma escola no alpendre da fazenda, a “Escola Zé Índio”, onde ensinava “a cartilha e as matemáticas”. A escola era frequentada por filhos de escravizados e pessoas sem posses, e se localizava no chamado Beco do Buraco, hoje, Rua Duque Estrada.

O edifício atual foi entregue em 13 de dezembro de 1874, em terreno doado à municipalidade pelo Sr. Antonio Francisco de Faria, novo dono da fazenda. Foi erguido com recursos de subscrições públicas e por doações feitas pelos membros encarregados da própria construção. Em novembro de 1885, a Escola foi entregue à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Gávea, passando a se chamar “Escola de Nossa Senhora da Conceição”. Para promover sua administração, a Irmandade recebia subvenções do Governo Imperial. Posteriormente, já no início do século XX, a Escola

passou a ser chamada de “4ª Escola Mista do Distrito Federal” e, a partir de 1922, recebeu o nome de “Luiz Delfino”, em homenagem ao médico e poeta catarinense.¹

Outra fazenda importante da região, e que também faz alusão à luta abolicionista, foi a Chácara do comerciante e abolicionista português Jose Seixas Magalhães. Sua propriedade abrigou muitas pessoas escravizadas em fuga e que provavelmente, em algum momento, estudaram na escola do Zé Índio. A chácara era uma espécie de quilombo urbano, com características muito diferentes dos quilombos do interior do país. As terras do Quilombo do Leblon ou das Camélias, pois ali se plantava camélias, eram, como as flores, um símbolo dos abolicionistas.

Após a abolição, em 1888, essa fazenda entra em falência, e suas terras passam a ser do banco Castro de Guidão, que ali fez um loteamento em 1920, mesmo tendo pessoas que já moravam no local. Estes tinham suas hortas de subsistência, que vendiam o excedente na atual Praça Santos Dumont. Ainda nas primeiras décadas do século XX, foi construída a Estrada da Gávea, que se transformou, na década de 1930, em palco internacional de corridas automobilísticas. A área foi sendo ocupada e muitos dos seus moradores trabalhavam nas fábricas do entorno. Já na década de 1940 foi promulgado decreto pela prefeitura para desapropriar a área, mas não chegou a ser implementado. A partir dos anos 1950, a Rocinha passou a ser considerada efetivamente uma favela e o fantasma da remoção, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, se intensificou. No entanto, já nos anos 1980, a favela se consolidou na cidade, organizou mutirões para melhoramentos locais e recebeu algumas intervenções dos poderes públicos.

A Rocinha possui uma forte identidade local e é uma das favelas mais conhecidas do Rio de Janeiro. É um território de potencialidades, com

1 Informação no site da Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_imperador/escimp_fregnsconcgavea.htm. Acesso em dezembro de 2024.

soluções criativas de transformações sociais. Esse livro pretende mostrar um pouco dessa História através de imagens. Trata-se de um dos resultados do projeto de pesquisa e extensão *Biblioteca Virtual e Percurso Histórico por imagens: História e Memória da Rocinha*. Financiado pelo edital Favela Inteligente do Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), trata-se de uma parceria entre o Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais (LEUS) do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e o Coletivo Museu Sankofa Memória e História da Rocinha.

O presente livro dialoga com a exposição e o site Rocinha em imagens, que pretende disponibilizar imagens de arquivos públicos e privados sobre a história da Rocinha. Parte do acervo pesquisado durante o projeto compõe as páginas da presente obra. A inspiração de um livro de imagens veio da obra publicada pelo Museo Popular de Siloé, localizado na cidade de Cali, Colômbia: *Siloé. Resiste a través del tiempo: memoria visual*. Tanto o presente livro como aquele da cidade colombiana são uma espécie de percurso histórico por imagens com o intuito de ter um caráter pedagógico para alcançar o maior número possível de pessoas.

Esta obra é, portanto, uma memória visual costurada com as falas de oito moradores da Rocinha, que relatam um pouco de suas experiências ao morarem no local. As imagens em diálogo com as falas nos permitem desemaranhar os fios condutores de narrativas de um passado marcado por experiências e mobilizações, que normalmente são mantidas invisibilizadas. Trata-se, assim, de um processo de apropriação da memória para produção de contranarrativas, proposições e intervenções sociopolíticas, que abram possibilidades para se repensar as favelas e, de maneira mais ampla, a própria cidade.

Baseando-nos no ideograma africano Sankofa: ao olhar ao passado, encontramos as ferramentas para teimar em viver o presente e seguir lutando por novos futuros.



Ideograma africano Sankofa



Feira na Estrada da Gávea, sem data.

Imperfeita Rocinha

Sigo nessa passarela atento.

Vejo verde, esperança.

Avisto morro, favela.

Te chamam de gigante, mas às vezes tu te tornas tão pequena.

Por isso eu desço, venho aqui embaixo, troco olhares, rouba a cena.

Mas não passa muito tempo lá vou eu de novo, subindo ao encontro dessa paixão.

Que me faz ficar cansado, leva o meu sono embora.

E ainda assim consegues me trazer tantas alegrias.

A troca, a cerveja gelada, o povo de luta, a verdadeira companhia.

Um abraço de vida a cada passo que dou.

Via Ápia não descansa.

Eita lugar de andança

Gente, moto, trabalhador, panfletos, bala na mão da criança, cano do fuzil para fora.

E assim tudo se torna real.

Sorriso, corre, dor, alegria, fome, repressão, medo.

Eu não te abandono, imperfeita Rocinha .

Até te ver assim com tuas raízes bem cuidadas, os teus frutos maduros caindo do pé.

Eu percebo que o teu grito vai pra longe, seguindo o caminho do vento.

Tua força é de árvore frondosa, aliada das histórias fortalecidas nas memórias que tenho de ti.

E assim se faz o presente.

*Terra nossa por desigualdade, por direito, por necessidade de um pedaço de chão
para se morar e ser feliz.*

Leandro Castro, 2020.

Rocinha no passado



Vista do alto da Rocinha com São Conrado ao fundo.

Na verdade, eu nasci e aqui na Rocinha, me lembro de uma rocinha de uma época, sem água, sem luz, com o passar do tempo isso foi crescendo, mas era uma rocinha muito melhor do que hoje. Muito mais com senso de comunidade, hoje a gente não tem mais isso, se perdeu né? Mas, essa é a Rocinha que eu me lembro, com muitas árvores, muita criança, muita gente. – *Maria Beatriz Gomes*



Vista da Pedra da Gávea e Praia de São Conrado, 1890.



Loteamento da Cia. Castro Guidon, sem data.

É aí assim que eu cheguei, pouco tempo, já começaram a construção de barracos de alvenaria (...) de tijolos né? E aí ela começou a crescer, mas cresceu tão rapidamente que eu não sei, parece que ela fez uma mágica. – *Lindacy Fidelis da Silva Menezes*



Rocinha ainda sem o bairro de São Conrado, 1971.

O nosso barraco eram quatro madeirite, época de vendaval era como se o barraco acompanhasse aquela sinfonia (...) então a gente não tinha, não tinha fogão, a gente cozinhava com lenhas. – *Maria Rizonete da Silva*

E era essa Rocinha toda na madeira, essa era a minha infância. – *Rose Firmino*



Cena cotidiana de uma viela, 1971.



Criança na Favela, 1971.

Eu considero a Rocinha um território, uma favela, a primeira coisa assim que vem na minha cabeça é acolhedora. É um grande útero, eu tô falando isso pela primeira vez (...) um grande útero que recebe e gesta sonhos de pessoas que vêm da Região Norte e Nordeste do Brasil que vem, também do Rio de Janeiro, atrás de oportunidade, de melhor colocação em situação econômica, atrás de melhores oportunidades. (...) – *Roberto Castro de Lucena*



Anúncio do Circuito da Gávea, 1935.



Visita de Chagas Freitas à Rocinha, 1966.



Visita de Carlos Lacerda, 1960.

Então, a luta sempre foi por esses direitos (...). Que Rocinha era essa? Era uma Rocinha que brigava muito por seus direitos. –

Antônio Carlos Firmino

A Rocinha representa a minha ancestralidade (...) a minha história, a minha vida, eu posso dizer que a minha vida, ela tá aqui dentro da Rocinha. – *Maria Beatriz Gomes*



Entrada de barraco, Início dos anos 1980.

Saneamento



Tubulação de esgoto, Início dos anos 1980.

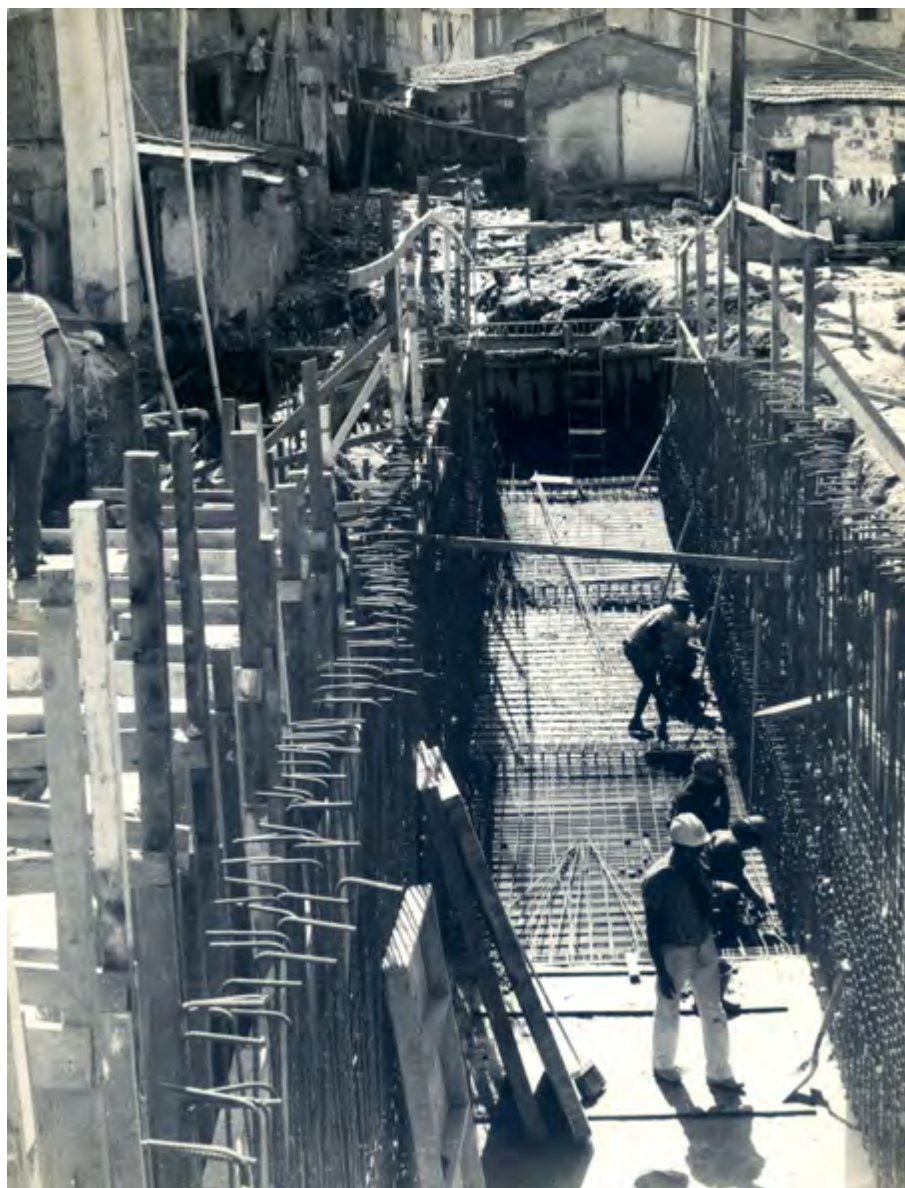
Quando a gente tá falando do saneamento básico, a gente tá falando de distribuição de água com regularidade na casa das pessoas, não é? Isso sempre foi um grande desafio, então até hoje tem poços na Rocinha. – *Antônio Carlos Firmino*

É, quando eu nasci a minha família morava lá na área do Pocinho na Rua 2, um lugar onde o saneamento básico que já não é bom na Rocinha, lá é bem pior (...) falta de água, falta de energia elétrica, ausência de rede de esgotamento sanitário.

– *Ulisses José da Silva - LP Silva*

Nesse tempo, as pessoas cordialmente, se juntavam, faziam uma rodinha ali e começava a conversar, e a tônica que eu tenho lembrança (...) todas as conversas era, essa luta, o pessoal do Nordeste utilizava muito essa expressão: essa luta da água é triste!

– *Ulisses José da Silva - LP Silva*



Obras de canalização do valão, sem data.



Estrutura de barraco em madeira, inícios dos anos 1980.

Olha o acesso à água quando eu cheguei era através de bica, já era bica, a gente ia pra bica pegava água sabe, trazia água na bica, era aquela confusão, aquele bando de gente, assim porque lá em cima é o que mais tem. Pessoas que já de madrugada já botava os balde na fila, porque tinha bica que era devagarzinho, tinha bicas que era mais rápida e a nossa bica lá em cima era mais vagarosa, aí a gente botava as coisa lá e o meu marido era quem pegava e enchia as coisa em casa. – *Lindacy Fidelis da Silva Menezes*



Martins, importante liderança pelo saneamento na Rocinha, final dos anos 1970.

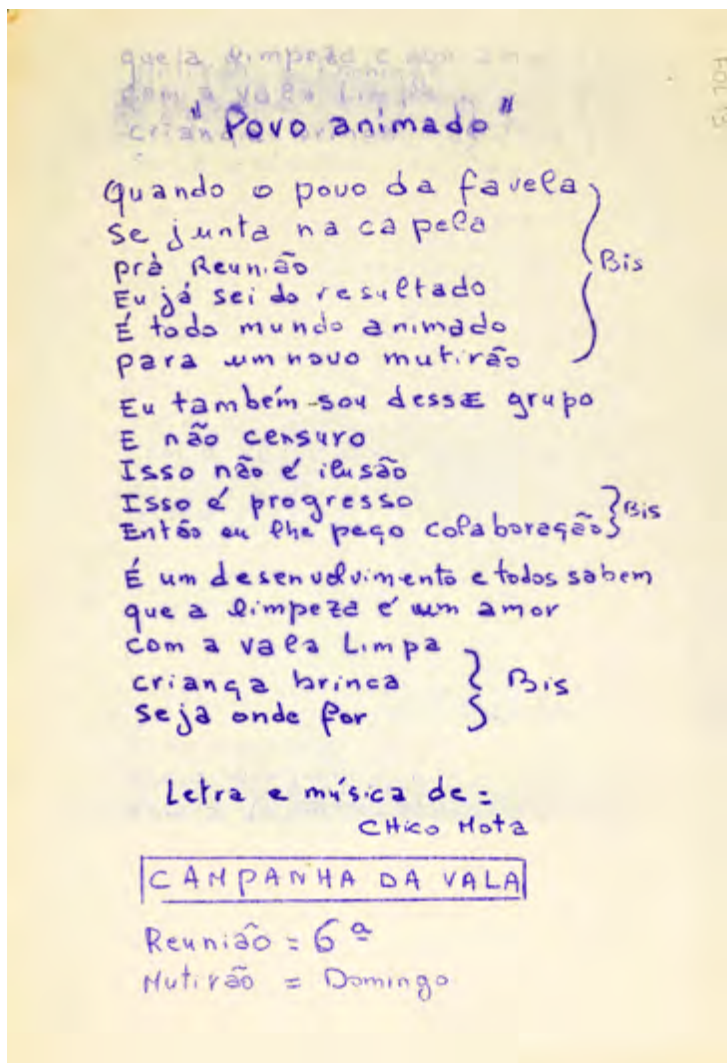
Tinha a bica da dionéia (...) que era mais próxima de mim e outras bicas que eu não sabia onde ficava direito, mas o que eu tinha de relação de água, era água do poço que a gente pegava pra beber, pra tomar banho, pra fazer tudo. – *Rose Firmino*



Obra de saneamento do valão, início dos anos 1980.

Chego no contexto do projeto PROSANEAR para morar na Rocinha, na década de 1990, quando estava sendo instalada obra de infraestrutura pela antiga Cedae, mas não foi feito de fato o esgotamento sanitário da favela, ou seja, o saneamento básico. – *Roberto Castro de Lucena*

Mutirão



Cartaz de campanha de mobilização para mutirão da limpeza das valas, final dos anos 1970.



Mutirão de construção da capela Nossa Senhora Aparecida no Largo do Boiadeiro, final dos anos 1970.

Tinha-se esse costume, por exemplo, de quando você tava construindo a sua casa você só pagava o pedreiro pra fazer as paredes, porque a laje você normalmente, chamava os seus vizinhos mais próximos, os parentes e até os vizinhos mais distantes também. Fazia ali uma simples refeição e fazia-se um mutirão pra poder construir a laje. (...) Era tradicional, ou pessoa fazia uma feijoada, ou uma macarronada, ou uma buchada de bode, ou angu à mineira e todo mundo se reunia ali, trabalhava né um bocado e falava: ó quem trabalhar menos aí, vai comer menos hein, só numa tampinha de garrafa.

– *Ulisses José da Silva - LP Silva*



Mutirão, início dos anos 1980.

Então fazer uma laje era convidar os amigos, fazer uma buchada, uma panelada, um mocotó, fazer uma coisa bem boa pra todo mundo comer. – *Lindacy Fidelis da Silva Menezes*

Aqui na Dionéia quando a gente veio morar em 85 não tinha nem estrada, foi o mutirão de moradores, não tínhamos luz, água. – *Maria Rizonete da Silva*



Obras de canalização do esgoto em mutirão, final dos anos 1970.



Mutirão com a feira do Boiadeiro ao fundo, final dos anos 1970.

Era um evento, o mutirão das lajes naquele período, era um evento de vizinho, era um momento de solidariedade, era um momento em que se os vizinhos tivessem em casa, ah vou bater laje, peraí que eu vou aí, tô sem fazer nada, de tomar uma cervejinha. – *Rose Firmino*



Construção da Capela de Nossa Senhora de Aparecida em mutirão, final dos anos 1970.

Peguei, minha casa foi batida (...) os mais velhos se juntavam, né? Faziam um angu, uma feijoada, macarrão com carne moída (...) E aí, a galera se reunia toda e ia bater essa laje, então era uma festa, tinha até cachaça. A vizinhança se organizava, as mulheres faziam comida, e os homens batiam a laje. – *Maria Beatriz Gomes*



Campanha pelo mutirão, final dos anos 1970.



Roda de conversa para mutirão, final dos anos 1970.



Joselita, moradora da Rocinha, participando do mutirão na construção da Capela Nossa Senhora Aparecida, final dos anos 1970.



Mobilização pelo mutirão de limpeza das valas, final dos anos 1970.



Folheto sobre a necessidade de obras de infraestrutura, início dos anos 1980.



Organização de mutirão, final dos anos 1970.



Organização de mutirão, final dos anos 1970.



Organização de mutirão, final dos anos 1970.



Criança levando água com bica ao fundo, Início dos anos 1980.

Serviços

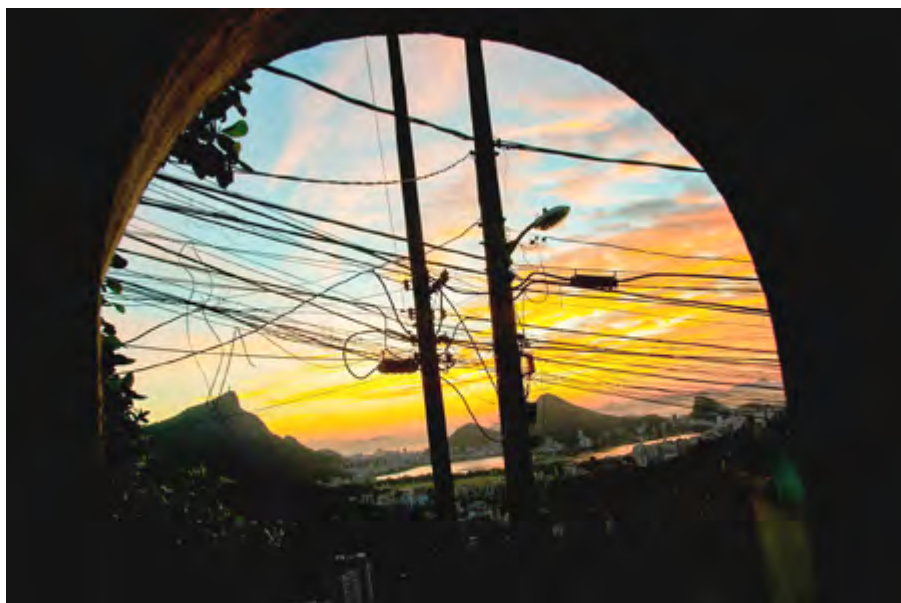
Eu lembro que havia um homem, chamado Batista, lá no largo do boiadeiro, que distribuía luz para as pessoas. O nosso barraco nem tinha luz (...) era muito precária, muito difícil a situação.

–*Maria Rizonete da Silva*



Instalação de relógio de luz pela Light, Início dos anos 1980.

E de energia elétrica, as redes com seus transformadores, vamos supor que cada transformador seria pra 50 casas, e cada transformador tá atendendo há 134 casas. De vez em quando, na época de calor, que a gente precisa ligar o ar condicionado, ventilador essas coisas, eles vão ao colapso e ficam várias regiões da favela sem luz. – *Ulisses José da Silva - LP Silva*



Fiação com pôr do sol ao fundo, 2013.



Poste de luz antigo, final dos anos 1970.

A iluminação era com vela. O primeiro contato que eu tive foi a vela e depois o lampião. Os mais velhos usavam muito lampião, pra poder iluminar, porque não tinha. Com o passar do tempo, no governo Brizola, eu não lembro o ano exatamente, chegou a luz na Rocinha. E, logo depois, chegou a água. – *Maria Beatriz Gomes*



Cabines de luz na entrada da favela, 1971.



Bica d'água, final dos anos 1970.

Lavavam roupas no Bicão, faziam muitas oferendas também, falando da questão espiritual lá no Bicão, por ser uma mata e era um lugar mais afastado. Tomava banho, tinha que lavar roupa lá, tudo era feito dentro do Bicão, tudo que a gente pensava em casa, de pegar água, de lavar roupa, de tomar banho, porque veja bem a gente não tinha água, então não dava pra tomar banho em casa, era um banho por dia, você ia lá no Bicão tomava banho e já ficava tudo ok, né? – *Maria Beatriz Gomes*



Lavadeiras, início dos anos 1980.



Moradores buscando água em área alagada, 1970.

A bica d'água era (...) sempre foi um eleitor politiqueiro, sabendo das demandas e as necessidades que toda, a maioria das Favelas você não conseguia água com facilidade, então, o que eles faziam naquela época, puxava um filete de água de um cano oficial e fazia tanques e botava, cinco, seis tanques com torneiras para as pessoas se abastecerem. – *Antônio Carlos Firmino*



Bica d'água com fila de latas ao fundo, final dos anos 1970.

A situação da água era muito deficitária, era uma luta também muito grande, a gente falava muito, naquela época muitas pessoas, buscavam água inclusive na bica.

– *Maria Consuêlo Pereira dos Santos*

No caso dessa Biquinha da dona deusa que era bem próxima aqui de casa, existiam os tanques (...) se não me falha a memória (...) eram três tanques pra poder lavar roupa, três tanques de cimento, enfim, a água ela brotava de uma nascente, do chão, que foi encanada, né? Pra poder coletar essa água. E normalmente, todo mundo chegava lá com seus baldes (...)

– *Ulisses José da Silva - LP Silva*



Poço de água, final dos anos 1970.

Eram latas, eu não me lembro agora, do que eram essas latas, mas possivelmente dos mesmos mantimentos que vêm nesses baldes que as pessoas usam hoje (...) lata de margarina, lata de manteiga ou azeitona. E o tamanho, se não me falha a memória, tinham de doze a quinze litros de água dentro. A alça que se fazia com essas latas, era uma alça de madeira, pregada (...) na borda dos baldes e os mais engenhosos, utilizava-se uma ripa de madeira grossa em cima dos ombros e pendurava um gancho (...) de cada uma das pontas dessa madeira, e chamava aquilo de balança de água.

– *Ulisses José da Silva - LP Silva*



Homem carregando água com “balança”, 1971.

Eu lembro de antes dos dez anos de idade, ocasiões em que ficava, por exemplo, aqui na Cachopa mas de vinte, às vezes trinta dias, sem cair água (...) era normal a gente subir aqui na Biquinha, que hoje chamam Biquinha de Dona deusa, e encarar uma filazinha ali de umas três, quatro horas pra poder pegar água e trazer para casa, pra poder tomar banho, cozinhar. – *Ulisses José da Silva - LP Silva*



Lata d'água na cabeça, 1968.



Lavadeiras na Rocinha, 1972.



Fiação na favela, 2013.



Barracos no alto da Estrada da Gávea, 1971.

Cotidiano



Visita de Chagas Freitas, 1966.

Aqui na Rocinha (...) forró, forró, forró muito forró e muita
zoação (risos). – *Lindacy Fidelis da Silva Menezes*



Ato religioso, 2013.

Sinto muita falta dos terreiros de macumba na Rocinha. Meu pai e minha mãe eram macumbeiros, meu pai era rezador, mestre de folião, tinha um terreiro de umbanda lá no alto do Terreirão também. – *Maria Beatriz Gomes*

A gente corria na mata, a gente brincava com barro e hoje em dia a gente não tem mais. – *Rose Firmino*



Campanha de Vacinação, sem data.



Crianças brincando, final dos anos 1970.



Crianças brincando, 2013.



Morador na entrada de casa, início dos anos 1980.

Depois que eu me mudei do Pocinho (...) eu tinha que acordar 5h30 da manhã, botar meu balde lá e já tinha uma fila do balde pra pegar água pra fazer comida, tomar banho, se higienizar, tudo. Então, esse sempre foi um grande desafio. – *Antônio Carlos Firmino*



Crianças em festividades, sem data.

A laje quando a gente teve acesso, falando da minha casa e de algumas casas do Terreirão, pra gente era um espaço de lazer. A gente tomava sol na laje, a gente conversava na laje, a gente fazia festa na laje. Então a laje, ela me remete a esse espaço de acolhimento, de lazer, de família, de debate mesmo. – *Maria Beatriz Gomes*



Vielas na favela, final dos anos 1970.



Criança no balanço, 1972.



Parada Gay, 2013.



Crianças indo surfar, 2013.



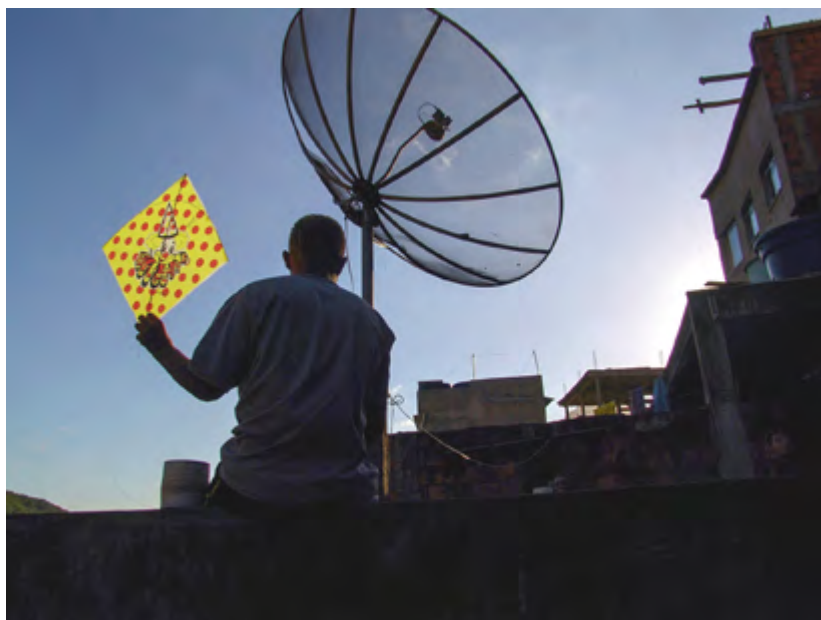
Mototaxis subindo a estrada da Gávea, 2013.



Censo na favela, 1970.



Kombi com frutas e ovos na entrada da Rocinha, 2013.



Homem soltando Pipa, 2013.



Homem carregando tábuas, 1971.



Crianças com varal na entrada, 1971.



Escadaria na Rocinha, final dos anos 1970.

Lugares



Largo do Boiadeiro, Início dos anos 1980.

Então, a Rocinha, ela mudou vertiginosamente, eu quero citar o sub-bairro da Rocinha chamado Vila Verde. A gente saía de casa e olhava a Vila Verde e era de fato uma vila, uma floresta, uma densidade de uma mata. Agora é uma vila que não é verde, é uma vila de tijolos, é uma vila de alvenaria. – *Roberto Castro de Lucena*

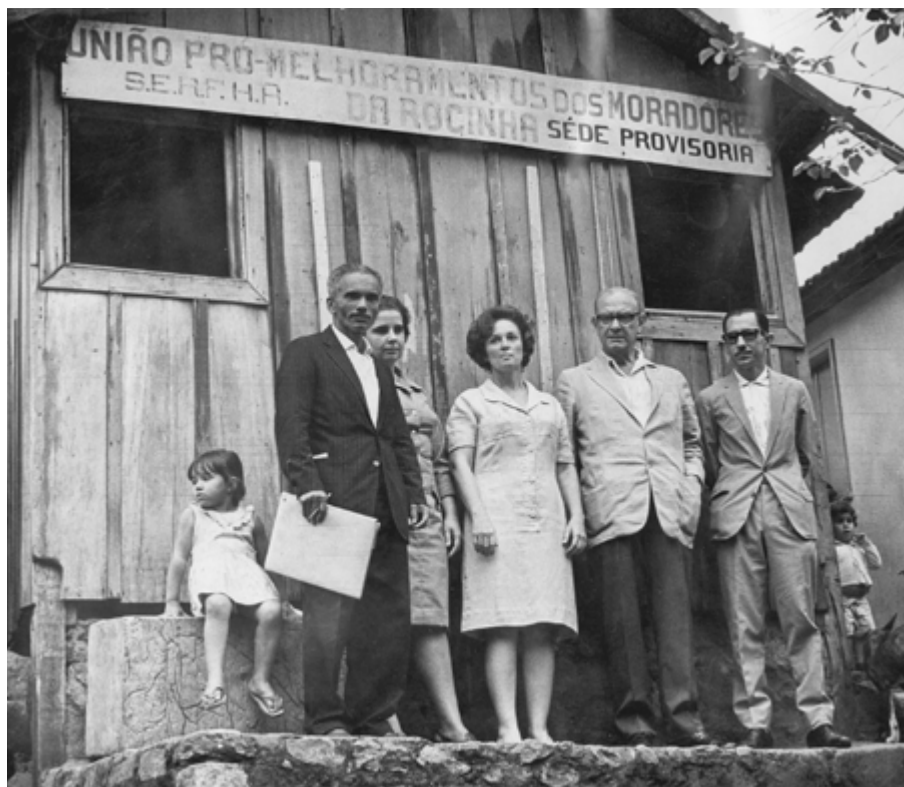


Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, 2013.

E ia muito pro Bicão, (...) o bicão para mim ele é muito presente, porque ele era um espaço de lavar roupa, de brincar, de pegar madeira pra cozinhar. É uma grande mata que a gente ainda tem lá em cima. – *Maria Beatriz Gomes*



Bica d'água do Laboriaux, 2013.



Visita de Chagas Freitas à Sede provisória da União pro-melhoramento dos Moradores da Rocinha, 1966.



Estrada da Gávea, 259, 1981.



Escola comunitária da Rua 2, início dos anos 1980.



Mega Muro, 2010.



Entrada do Laboriaux, 2025.

Túnel/passarela



Inauguração da Passarela, 1978.



Inauguração da passarela, 1978.



Placa de inauguração da passarela, 1978.



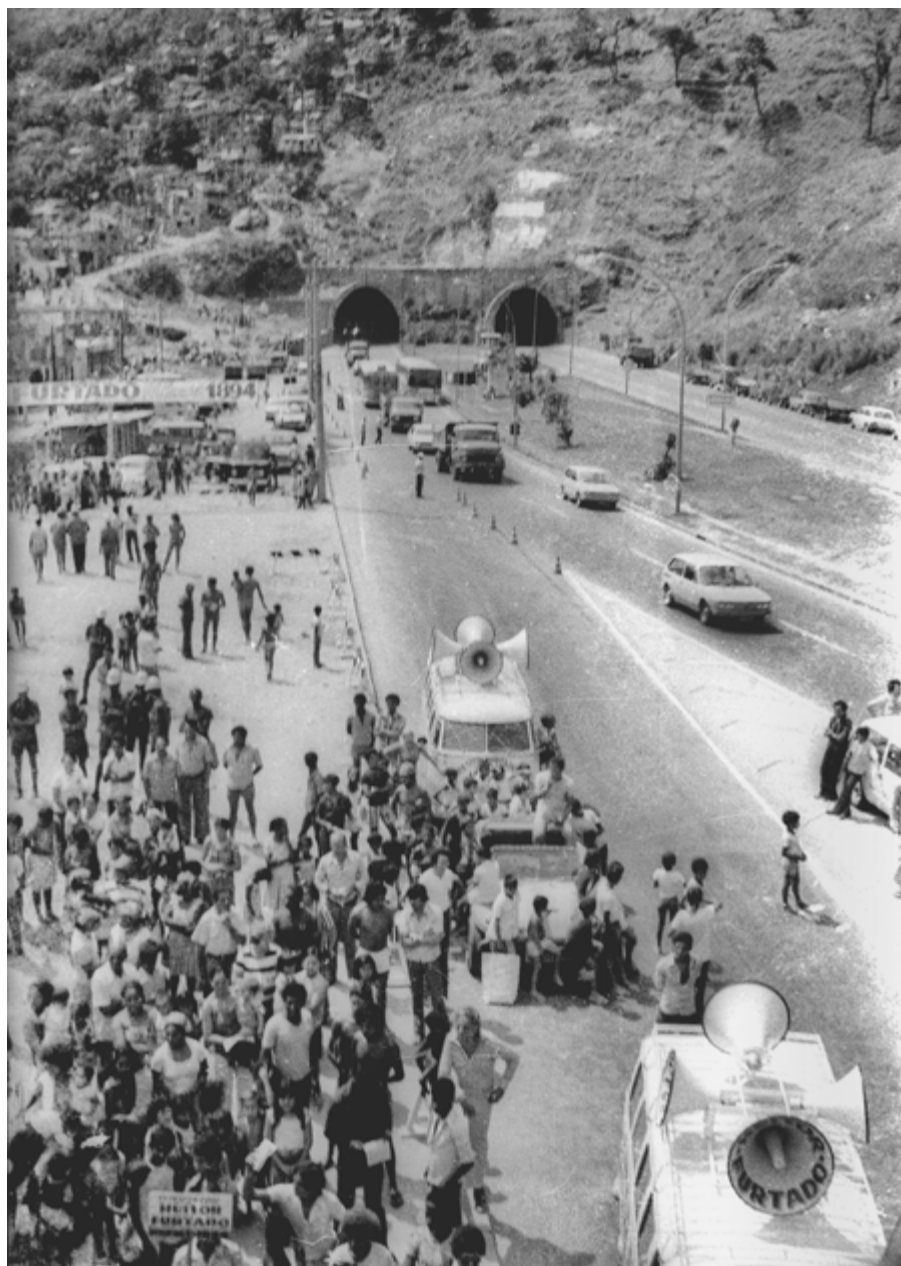
Manifestação pela passarela do Jornal Tagarela, 1978.



Mobilização contra a primeira passarela provisória, 1978.



Nova passarela da Rocinha, 2025.



Inauguração da Passarela, 1978.

Rocinha ontem e hoje



Fachadas coloridas, 2013.

A Rocinha é meu ponto de partida.

– *Ulisses José da Silva* - LP Silva



Construções ainda de madeira, sem data.

Eu sonho com uma Rocinha que é dos direitos básicos. Direitos básicos é o que? É saneamento sim, aí saneamento é água potável e regular, é uma rede de eletricidade que não pegue fogo nos postes, é o transporte público, é uma Estrada da Gávea que você possa circular decentemente. –*Antônio Carlos Firmino*



Primeiras casas em alvenaria, início dos anos 1980.

Tinha-se esse costume, por exemplo, de quando você tava construindo a sua casa você só pagava o pedreiro para fazer as paredes, porque a laje você normalmente, chamava os seus vizinhos mais próximos, os parentes e até os vizinhos mais distantes também. Fazia ali uma simples refeição e fazia-se um mutirão pra poder construir a laje. (...) aqui na Rocinha, pedreiro não ganhava dinheiro para fazer laje porque laje era feita através de multidões, têm nas lajes mais antigas aí, um pouquinho do suor de cada uma das pessoas que têm mais de 60 anos e que sempre viveram aqui na Rocinha. – *Ulisses José da Silva - LP Silva*



Vista panorâmica da Rocinha e São Conrado, final dos anos 1970.



Verticalização dos prédios, sem data.



Uma Rocinha pouco adensada, 1965.



Antenas nas lajes, 2013.

Uma Rocinha com saneamento básico, uma Rocinha sem essa especulação imobiliária, uma Rocinha com mais acesso à educação, à saúde e ao transporte público. Uma rocinha mais inclusiva para todos, uma rocinha trazendo a comunidade de novo.
– Maria Beatriz Gomes



Verticalização das construções, sem data.



Telhados de telhas, final dos anos 1970.



Tagarela - O jornal da Rocinha, 1981.

Organizadores

Coletivo Museu Sankofa Memória e História da Favela da Rocinha

Idealizado no contexto do Fórum Cultural da Rocinha, de julho de 2007, e em atividade desde 2008. O coletivo Museu Sankofa Memória e História da Favela da Rocinha é um museu social, que tem por missão a defesa do direito às memórias e histórias, a promoção dos direitos humanos dos moradores da Rocinha, adjacências e demais favelas e periferias, o reconhecimento, o resgate, a proteção, a fruição e a valorização de seus patrimônios cultural, histórico, natural, material e imaterial, através de ação educacional e de saúde da elaboração de conceitos, de metodologias, de projetos e de programas. Vem promovendo diferentes ações, tais como: chás de museus, exposições itinerantes e virtuais, rodas de conversas, publicações, manifestações culturais, projetos de pesquisas e roteiros turísticos (Rocinha Histórica). Sendo cofundador e atuante na Rede de Museologia Social do Estado do Rio de Janeiro. Selecionado como Ponto de Memória pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e Ponto de Cultura pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais (LEUS)

O Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais (LEUS) é um grupo de pesquisa, vinculado ao Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e realiza projetos de pesquisa e de extensão envolvendo aspectos urbanos e socioambientais. Sublinha-se as atividades voltadas para a memória e História dos espaços urbanos populares do Rio de Janeiro. Ele é composto por pesquisadores, docentes e discentes, de diferentes países e vem implementando um esforço de diálogo com outras realidades latino-americanas.



Rocinha vista da passarela, 2025.



Rua da Rocinha, 2013.

Entrevistados

Antônio Carlos Firmino (Data da Entrevista: 30/09/24) – Homem Preto de Candomblé e Umbanda, Morador da Rocinha, Produtor e Liderança da Área Cultural, Cofundador do Museu Sankofa de Memória e História da Rocinha, Geógrafo e Mestrando pelo PPGMS da UNIRIO.
E-mail: firmo.ponto@gmail.com

Lindacy Fidelis da Silva Menezes (Data da Entrevista: 31/08/24) – Pernambucana, Moradora da Rocinha, Poetisa, Formação pela FLUP (Festa Literária das Periferias), Autora do Livro “Destino Desviado” (2020), Participações em Coletâneas e Revistas Nacionais e Internacionais.
E-mail: Lindacyfidelisdasilvamenezes@gmail.com

Maria Beatriz Gomes (Data da Entrevista: 30/09/24) – Mulher Negra, Moradora e Cria da Rocinha, Graduanda em Administração de Empresas, Ativista Social e Mulher de Religião de Matriz Africana.
E-mail: mariabeatrizsoll@gmail.com

Maria Consuêlo Pereira dos Santos (Data da Entrevista: 31/08/24) – Moradora da Rocinha, Professora, Pedagoga e Escritora Titulada pela FEBACLA (Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes).
Email: vidacomdiferencas@gmail.com

Maria Rizonete da Silva (Data da Entrevista: 31/08/24) – Paraibana, Moradora da Rocinha e Graduanda de Pedagogia pela UERJ.
E-mail: mary.rizonete@gmail.com

Roberto Castro de Lucena (Data da Entrevista: 11/09/24) – Morador da Rocinha, Articulador no Grupo Rocinha Sem Fronteiras, Historiador e Pesquisador com Mestrado em História pela UFRJ.

E-mail: castrodelucena@yahoo.com.br

Rosineide dos Santos Firmino – Rosi Firmino – (Data da Entrevista: 31/08/24) – Moradora e Cria da Rocinha, Professora do CPIL, Mestre de Ensino em Educação Básica do CAP-UERJ, Coordenadora de Projetos do Grupo Acorda Capoeira, Pedagoga, Poeta e Cofundadora do Museu Sankofa de Memória e História da Rocinha.

E-mail: rose.firmino38@gmail.com

Ulisses Silva (Data da Entrevista: 11/09/24) – Morador e Cria da Rocinha, Secretário e Professor do Centro Social de Educação e Cultura e Rocinha (CSECR), Gestor da Cozinha Solidária Ajeum Tia Irani e Mobilizador do Impulso de Gerações da Rocinha.

E-mail: lpsilvatec@gmail.com

As entrevistas foram realizadas por Leandro Castro.

Referências

Introdução

Estrada da Gávea: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1889.

Feira da Estrada da Gávea: Não identificado. FioCruz. E1-106, Não identificado.

Rocinha no passado

Vista do alto da Rocinha com São Conrado ao fundo: Nilo Bernardes e Tomas Somlo, 1958. IBGE - Acervo dos trabalhos geográficos de campo.

Vista da Pedra da Gávea e Praia de São Conrado: Marc Ferrez; IMS (Coleção Gilberto Ferrez); M. Ferrez, 1890, Vista da Pedra da Gávea e Praia de São Conrado, 1890.

Loteamento da Cia. Castro Guidon: Não identificado. Sankofa. loteamento-1024x807, Não identificado.

Rocinha ainda sem o bairro de São Conrado, 1971: Não identificado. Arquivo Nacional. BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00265_m0022de0061, 1971.

Cena cotidiana de uma viela, 1971: Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã – BR_RJANRIO_PH. 08/10/1971.

Criança na favela, 1971: Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã – BR_RJANRIO_PH. 08/10/1971.

Anúncio do Circuito Gávea, 1935: Automóvel Club, 1935 edição 127-129, 1935.

Visita de Chagas Freitas, 1966: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. BR.RJ.AGCRJ.CF.AP.DF.03.126. 09/10/1966

Visita de Carlos Lacerda, 1960: Não identificado. AGCRJ (Coleção Carlos Lacerda). BR RJAGCRJ.CL.VPO.MPL.CAM.1.39, 1960.

Entrada de barraco, início dos anos 1980: Arquivo Sankofa. Fundo Ephim Shluger. Ephim_18.

Saneamento

Tubulação de esgoto, Início dos anos 1980: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_01, Início dos anos 1980.

Obras de canalização do valão: Não identificado. Sankofa, obras de canalizaçãoV046, Não identificado.

Estrutura de barraco em madeira, inícios dos anos 1980: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_02, Início dos anos 1980.

Martins, importante liderança pelo saneamento na Rocinha, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), Pe.Thierry_20230120_0014, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Obra de saneamento do valão, início dos anos 1980: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_07, Início dos anos 1980.

Mutirão

Cartaz de campanha de mobilização para mutirão da limpeza das valas, final dos anos 1970: Grupo Mutirão, Sankofa; CX08FOL1301, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Mutirão de construção da capela Nossa Senhora Aparecida no Largo do Boiadeiro, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), IMG_20230511_0016, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Mutirão, início dos anos 1980: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_29, Início dos anos 1980.

Obras de canalização do esgoto em mutirão, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), Pe.Thierry_20230120_0033, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Mutirão com a feira do Boiadeiro ao fundo, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), IMG_20230511_0012, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Construção da Capela de Nossa Senhora de Aparecida em mutirão, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), IMG_20230511_0021, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Campanha pelo mutirão, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_67, Início dos anos 1980.

Roda de conversa para mutirão, final dos anos 1970: Grupo Mutirão, Sankofa; img009, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Joselita, moradora da Rocinha, participando do mutirão na construção da Capela Nossa Senhora Aparecida, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), IMG_20230511_0011, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Mobilização pelo mutirão de limpeza das valas, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), Pe.Thierry_20230120_0040, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Folheto sobre a necessidade de obras de infraestrutura, início dos anos 1980: Grupo Mutirão, Sankofa; bis.CX08FOL1504, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Organização de mutirão, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), Pe.Thierry_20230120_0006, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Organização de mutirão, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), Pe.Thierry_20230120_0022, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Organização de mutirão, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), Pe.Thierry_20230120_0020, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Criança levando água com bica ao fundo, Início dos anos 1980: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_34, Início dos anos 1980.

Serviços

Instalação de relógio de luz pela Light, início dos anos 1980: Arquivo: Sankofa - Fundo Ephim Shluger. Ephim_24.

Fiação com pôr do sol ao fundo, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), 121107_2012_07_11_klauss_rocinha_0021, 2013.

Poste de luz antigo, final dos anos 1970: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), Pe.Thierry_20230120_0004, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Cabines de luz na entrada da favela, 1971: Correio da Manhã. Arquivo Nacional. BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00265_m0010de0061, 1971.

Bica d'água, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_20, Início dos anos 1980.

Lavadeiras, início dos anos 1980: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_36, Início dos anos 1980.

Moradores buscando água em área alagada, 1970: Correio da Manhã, Arquivo Nacional, BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00265_m0055de0061, 1970.

Bica d'água com fila de latas ao fundo, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_09, Início dos anos 1980.

Poço de água, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_33, Início dos anos 1980.

Homem carregando água com “balança”, 1971: Jaime / Correio da Manhã, Arquivo Nacional, BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00265_m0046de0061, 1971.

Lata d'água na cabeça, 1968: Rubens / Correio da Manhã, Arquivo Nacional, BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00265_m0031de0061, 1968.

Lavadeiras na Rocinha, 1972: INFOCHPDPICT000032747250 - Rio de Janeiro (RJ) - 30/08/1972 - Lavadeira - Lavadeiras na Rocinha – Favela da Rocinha - Foto Eurico Dantas / Agência O Globo.

Fiação na favela, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), DSC_2269, 2013.

Barracos no alto da Estrada da Gávea, 1971: Correio da Manhã, Arquivo Nacional, BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00265_m0039de0061, 1971.

Cotidiano

Visita de Chagas Freitas, 1966: Não identificado. AGCRJ (Coleção Chagas Freitas). BR.RJ.AGCRJ.CF.AP.DF.03.127, 1966.

Ato religioso, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), IMG_6974, 2013.

Campanha de Vacinação: Não identificado. Sankofa, CX11F1003, Não identificado.

Crianças brincando, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_15, Início dos anos 1980.

Crianças brincando, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), DSC_2197, 2013.

Morador na entrada de casa, início dos anos 1980: Arquivo Sankofa. Fundo Ephim Shluger. Ephim_53.

Crianças em festividades: Não identificado. Sankofa, CX11F1401, Não identificado.

Viela na favela, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_43, Início dos anos 1980.

Criança no balanço, 1972: Correio da Manhã, Arquivo Nacional, BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00265_m0006de0061, 1972.

Parada Gay, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), WAL_7111, 2013.

Crianças indo surfar, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), DSC00060, 2013.

Mototaxis subindo a estrada da Gávea, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), DSCN4667, 2013.

Censo na favela, 1970: Não identificado , IBGE, FOTO 5- IBGE, 1970.

Kombi com frutas e ovos na entrada da Rocinha, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), DSC_2122, 2013.

Homem soltando Pipa, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), DSC00293, 2013.

Homem carregando tábuas, 1971: Jaime / Correio da Manhã, Arquivo Nacional, BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00265_m0005de0061, 1971.

Crianças com varal na entrada: Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã – BR_RJANRIO_PH. 08/08/1971

Escadaria na Rocinha, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_10, Início dos anos 1980.

Lugares

Largo do Boiadeiro, início dos anos 1980: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_21, Início dos anos 1980.

Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, 2013: Não identificado. FioCruz. LE_DP_RT_22_44, Não identificado.

Bica d'água do Laboriaux, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), DSC02740, 2013.

Visita de Chagas Freitas à Sede provisória da União pro-melhoramento dos Moradores da Rocinha, 1966: Não identificado. AGCRJ (Coleção Chagas Freitas). BR.RJ.AGCRJ.CF.AP.DF.03.128, 1966.

Estrada da Gávea, 259, 1981: Grupo Mutirão, Sankofa; CX11F505, Início dos anos 1980.

Escola comunitária da Rua 2, início dos anos 1980: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_66, Início dos anos 1980.

Mega Muro, 2010: Sankofa.

Entrada do Laboriaux, 2025: Arquivo Sankofa, Imagem cedida por Rafael Soares Gonçalves.

Túnel e Passarela

Inauguração da Passarela, 1978: Não identificado. Sankofa, CX11F2014, Não identificado.

Inauguração da passarela, 1978: Não identificado. Sankofa, CX11F2015, Não identificado.

Placa de inauguração da passarela, 1978: Padre Thierry, Sankofa (Acervo Padre Thierry), Pe.Thierry_ 20230120_0035, Final dos anos 1970 / início dos anos 1980.

Manifestação pela passarela do Jornal Tagarela, 1978: Não identificado. Sankofa, CX08FOL01028, Não identificado.

Mobilização contra a primeira passarela provisória, 1978: Não identificado. Sankofa, CX11F2022, Não identificado.

Nova passarela da Rocinha: Fundo pessoal de Leandro de Castro Benício, 2025.

Inauguração da Passarela: Não identificado. Sankofa, CX11F2002, Não identificado.

Rocinha ontem e hoje

Fachadas coloridas, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), DSC_2139, 2013.

Construções ainda de madeira: Não identificado. FioCruz. Bra-Rio-Fav-118, Não identificado.

Primeiras casas em alvenaria, início dos anos 1980, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_04, Início dos anos 1980.

Vista panorâmica da Rocinha e São Conrado, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_03, Início dos anos 1980.

Verticalização dos prédios: Não identificado. Sankofa, DSCN4662, Não identificado.

Uma Rocinha pouco adensada, 1965: Correio da Manhã; Arquivo Nacional; BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00265_m0001de0061, 1965.

Antenas nas lajes, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), 1rocinha, 2013.

Verticalização das construções: Não identificado. Sankofa, DSCN4627, Não identificado.

Telhados de telhas, final dos anos 1970: Ephim Shluger, Sankofa (Acervo Ephim Shluger), Ephim_30, Início dos anos 1980.

Tagarela - O jornal da Rocinha, 1981. Não identificado.

Organizadores

Rocinha vista da passarela, 2025: Arquivo Sankofa, imagem cedida por Rafael Gonçalves Soares.

Rua da Rocinha, 2013: Walter Mesquita, Sankofa (Acervo Walter Mesquita), DSC_2299.